

Desvios, errâncias e desordens criadoras no Vale das Ninfas¹

Anderson Moraes Pires²
Anna Luiza Martins de Oliveira³

Resumo: O artigo examina memórias, práticas discursivas e processos de subjetivação que se articulam no Vale das Ninfas, território LGBTQIA+ localizado na região central do Recife. Compreendido como um currículo arruaceiro – relacional, instável e performativo –, o Vale constitui-se nas ruas, festas, boates e encontros, em meio a disputas simbólicas onde saberes se corporificam em afetos e gestos de subversão. Dialogando com teorias pós-estruturalistas, propõe-se uma abordagem investigativa fundamentada na experiência sensível, atenta às fabulações coletivas, às zonas de ininteligibilidade e à emergência de conhecimentos não domesticados. A imaginação é mobilizada como estratégia ontológica e política, enquanto o fracasso é assumido como estética e ética *queer*. O texto defende uma concepção de pesquisa como prática situada e implicada, comprometida com a invenção de outros modos de existir e com a desestabilização dos dispositivos normativos de controle e regulação dos saberes.

Palavras-chave: Currículo. Subjetividade. Gênero. Sexualidade. Pesquisa.

¹ Pesquisa financiada com recursos da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), no âmbito do programa de Bolsas de Pós-graduação.

² Doutorando e Mestre em Educação (PPGEdu/UFPE). Mestre em Psicologia (UFC). Bacharel em Psicologia. Membro do Grupo de Pesquisa “Discurso, subjetividade e educação” (UFPE/CNPq). E-mail: andeersonpires@gmail.com.

³ Doutora em Educação (UFPE), Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua no Núcleo de Formação Docente (NFD/CAA) e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu/CE). Líder do grupo de pesquisa (CNPq) “Discurso, subjetividade e educação”. E-mail: anna.moliveira@ufpe.br.

Compor uma escritura em aliança, em que se cruzam trajetórias, afetos e inquietações compartilhadas, é o que nos move. Compreendemos a pesquisa como gesto político-ontológico, ato de implicação, de intervenção ética e de invenção de mundos. Pesquisar, nesse sentido, significa agir com o corpo, com a linguagem, afetado por relações, políticas do saber e experiências entrelaçadas no próprio processo investigativo. Trata-se, também, de uma tomada de posição frente às relações de poder que delimitam quais conhecimentos e discursos são legitimados. Buscamos resistir à lógica da eliminação (Butler, 2021) e das violências epistêmicas (Spivak, 2018) que produzem silenciamentos, apagamentos e enquadramentos normativos. Em oposição, operamos com práticas políticas situadas, ancoradas na interdependência e no cuidado.

Nossa aposta é por uma escrita que se distancie da extração para se tornar partilha; uma linguagem que, em vez de rotular, abra espaço para a escuta. Abandonamos a pretensão de explicações exaustivas para reconhecer que cada fala é parcial, situada e forjada em coprodução com o mundo (Haraway, 2016). Esse percurso dialoga com as reflexões do Grupo de Pesquisa Discurso, Subjetividade e Educação (CNPq/UFPE), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), e amadurece a partir da dissertação que fundamenta este artigo (Pires, 2025). Assim, tecemos um texto em relação com os sujeitos e corpos que transitam pelo Vale das Ninfas, um território marcado pela precariedade e pela potência criativa, que nos instiga a imaginar outras formas de existir, narrar e aprender.

Reconhecido como um polo LGBTQIA+ da cidade do Recife, o Vale com suas tramas relacionais e dinâmicas subjetivas tensiona e força a (re)significação da cidade. Uma paisagem insurgente de gentes travestidas, de bichas, de pretos e pretas, de feminilidades, masculinidades e outras expressões marginais. Corpos que dançam e se reinventam a cada noite. Ali, cada passo é performativo, cada vestimenta é ginga contra a norma, cada aparição é acontecimento de saber. Trata-se de um currículo arruaceiro, onde o saber é aprendido na carne, nas esquinas, nas coreografias que desafiam o Estado e a moral.

Um saber que se faz corpo, que não cabe nas rubricas dos manuais de pesquisa científica, mas que pulsa, vibra, tropeça. É, também, expressão do fracasso, nos termos

de Halberstam (2000): uma forma de existir sem pedir licença, um desvio das rotas lineares da produção de verdades legitimadas, uma recusa às trilhas hegemônicas. Um modo de se perder como gesto de invenção de outras formas de vida. Arquivo vivo do que o autor chama de baixa teoria, isto é, um saber que não busca ser sistêmico, mas provocador; não busca vencer, mas desobedecer. Cada corpo no Vale é um texto, uma escrita de mundo, um currículo encarnado que nos ensina a perder o rumo e a encontrar outros sentidos de vida. É também um corpo que inscreve, que performa e que se faz acontecimento. Um texto coletivo feito de gestos, sons, afetos que aprendem e ensinam a viver a partir das beiras, a habitar zonas de ininteligibilidade (Butler, 2022) onde subjetividades são tecidas como excesso e como possibilidade.

Pensar a pesquisa como gesto político-ontológico é transformar o ato de conhecer em ato de cuidar, resistir e ficcionar – no sentido de experimentar o pensamento, as verdades insurgentes; um modo de abrir o campo do possível e imaginar outras formas de viver, saber e ser (Foucault, 2017). É sustentar a pergunta pelo mundo que queremos habitar – não apenas teoricamente, mas nos modos como nos colocamos diante das vidas, dos saberes e das alianças que encontramos no caminho.

O texto está organizado em três partes. A primeira aborda algumas rotas teórico-metodológicas que trilhamos com o Vale das Ninfas atentos aos fluxos de subjetivação, aos deslocamentos de sentido e às práticas discursivas que tensionam normas e produzem redes de afeto e subversão. A segunda, caminha dialogando com o processo de constituição do Vale, desde suas primeiras boates, destacando os processos articulatórios, as diferenças, conflitos e itinerários. Na terceira parte, retomamos o conceito de currículo arruaceiro, enfatizando que o Vale se configura como uma zona de fabulação coletiva, na qual a pesquisa se inspira como prática situada e comprometida com a invenção de outros mundos e políticas do saber.

Flertes e aproximações

Após algumas peregrinações, chegamos a um lugar não tão fácil de ver, tampouco experienciar. O trânsito ali é desalinhado, um tanto anárquico. Luzes verdes, amarelas e

vermelhas piscam sem parar. Reluzem como se quisessem indicar alguma ordem. Não importa a cor da luz, a movimentação de corpos é ferrenha. Rostos, vozes, sons, cores, texturas, cheiros e sabores se misturam compondo um polo cultural com muitos códigos, normas, maneiras de ser, formas de agir.

Na esquina, chega mais próximo quem já está habituado. Perto das paredes com grades, tarde da noite, quando o movimento é menos frenético, ficam aqueles que realizarão seus desejos carnavais. Daquele outro lado, transitam algumas pessoas que não querem tanto foco e close. A casa de festas com três andares é o momento (e tem sido há um bom tempo). A casa vizinha, charmosa e colorida, segue mantendo muitas histórias vivas – do pop, do brega, da cidade, das loucas e estranhas.

Esse espaço, mais do que um ponto geográfico, constitui um currículo vivo e pulsante. Sua dinâmica desafia fronteiras e convida a cidade a reimaginar-se. As narrativas produzidas ali são continuamente negociadas, evidenciando que os discursos e subjetivações que o compõem estão em constante deslocamento. Nesse contexto, tomamos o currículo como prática discursiva (Lopes, 2018), um conjunto de enunciações articuladas e atravessadas por outros discursos, que se constroem na instabilidade dos sentidos. Espaço-tempo, simultaneamente pedagógico e performático, que opera com autoridade derivada da reiteração de sentidos estabelecidos e, concomitantemente, oblitera qualquer origem fixada (Macedo, 2006).

Nesse híbrido que é o currículo, elegemos sua dimensão relacional como central. Essa relação não se realiza entre sujeitos já constituídos, mas é atravessada pela dependência primária da alteridade, por relações imprevisíveis, não deliberadas, fora do controle da reflexividade (Macedo; Miller, 2022). Uma experiência existencial, singular e situada. Um percurso vivenciado. Espaço-tempo de formação ético-estética. Um modo de se relacionar, que resiste à disciplinarização do saber e ao adestramento da subjetividade. O correr da vida ou *currere* (Pinar, 2007), onde o eu, o tempo e o mundo se tramam num percurso de subjetivação em meio aos fluxos da cultura, da linguagem e da história.

Nas paisagens do Vale, práticas, ruas, boates, bares, ONGs e comércios (re)introduzem sentidos em circulação, compondo um tecido curricular dinâmico e

aberto, que desestabiliza a dicotomia entre conhecimento formal e saberes cotidianos. O singular e o coletivo se articulam em uma malha viva. Discursos da ciência, da nação, do mercado se misturam com saberes populares, vivências afetivas, estéticas urbanas e performances de gênero e sexualidade.

Ao nos aproximar dessa teia urbana-curricular dispensamos operações afirmativas sobre como as coisas são ou devem ser, pois “tanto supostas asserções sobre a realidade quanto asserções sobre como a realidade deveria ser têm ‘efeitos de realidade’ similares [...] o de fazer com que a realidade se torne o que elas dizem que é ou deveria ser” (Silva, 1999, p. 13). Valorizamos o gesto da teoria do discurso de não instituir leis universais sobre a sociedade, mas elaborar discursos contingentes e situados sobre os processos sociais (Oliveira; Oliveira; Mesquita, 2013).

Recusamos a distinção entre realidade e linguagem, enfatizando que toda experiência é mediada pela significação (Burity, 2008). O campo discursivo, nesse sentido, é instável, sempre passível de subversão. A impossibilidade de acesso direto aos sentidos é consequência da própria natureza da linguagem. Não há leitura plena, considerando que sujeitos, significados e contextos são sempre provisórios. Todo texto é simultaneamente legível e ilegível, efeito da linguagem, do excesso de enunciação e da intervenção subjetiva (Lopes, 2018). O Vale das Ninfas, portanto, apesar de suas alianças e visibilidades, é opaco, imprevisto, incoerente. Como qualquer rua viva, não se deixa capturar.

Nos desafiamos a compreender esse currículo como experiência com o outro (Macedo, 2006; Macedo; Miller, 2022) através do flerte malicioso. Flertar é arriscar-se. É deixar-se afetar por deslizamentos, desvios e encontros inesperados. É recusar um conhecimento monológico e apostar na abertura às conexões. A prática do flerte é confusa e errante. Andar por currículos arruaceiros exige idas e voltas, desvios e reencontros, num vaivém entre ideias e planos (Ranniery, 2017) porque são como territórios em (des)territorialização, que se compõem em fluxos heterogêneos e contornos parciais (Ranniery, 2012).

As proposições etnográficas de Perlongher (2005) nos ajudaram a mirar essas redes, trajetórias e fluxos como traços pontilhados, desenhados nas calçadas, entremeados

e contíguos. Miramos as práticas discursivas (Silva, 2019), sem pretensão de isolar ou fixar produções curriculares. Por isso, perambulamos pelas Ninfas registrando movimentos, closes e afetos com celulares, blocos de notas e redes sociais. Conversamos com frequentadores e moradores da região. Ferramentas como Google e Instagram nos acompanharam em buscas por palavras, imagens e sentidos. Buscamos dar *match* com discursos.

A pesquisa que assumimos se contamina, se deixa afetar por cheiros, gostos, afetos e relações (Oliveira, 2022). O *corpus* constituído foi ouvido e sentido como “[...] superfície de inscrição, que faculta leituras, nunca totais ou totalizantes, de sentidos dispersos das práticas discursivas” (Lopes, 2018, p. 150). Como efeito de jogos discursivos, travessias, zonas de incerteza, vestígios dos encontros, rastros de rastros, “[...] múltiplos constrangimentos, ainda que nunca por eles determinados” (Macedo; Silva, 2021, p. 50).

Coreografias, dissensos e alianças desorientadas

O Vale das Ninfas localiza-se entre a Boa Vista e a Soledade, na região central do Recife. Uma pesquisa realizada pelo Coletivo Massapê (2021) identificou quatro diferentes atmosferas na área da Boa Vista. A primeira, denominada “antiga”, caracteriza-se pela presença do Mercado da Boa Vista e do Pátio de Santa Cruz, destacando-se por seu forte senso de vizinhança. A segunda corresponde ao “comércio tradicional”, marcado por uma alternância entre momentos de intensa movimentação e períodos de silêncio. A terceira, classificada como “moderna”, tem como eixo principal a Av. Conde da Boa Vista e se define por um cenário caótico, com forte verticalização, escassez de áreas verdes e grande fluxo de pessoas. A atmosfera “planejada”, por outro lado, abriga instituições como o Parque 13 de Maio, a Faculdade de Direito e a Assembleia Legislativa de Pernambuco, sendo caracterizada por ruas amplas, vegetação mais presente e por constituir um espaço de encontros entre artistas e ativistas.

Considerando a perspectiva de que o social não possui uma essência fixa e que a existência de qualquer fenômeno depende de condições específicas que tornam tal

existência possível (Laclau; Mouffe, 2015), compreendemos essa região como um território constituído por articulações discursivas historicamente contingentes. Nesse contexto, observamos a mobilização de práticas articulatórias que operam por meio da reconfiguração dos elementos envolvidos. Trata-se de um processo relacional no qual as atmosferas se constituem em constante cruzamento, inviabilizando qualquer tentativa de compreendê-las de forma isolada ou estanque. É justamente nesse movimento de articulação que se dá a contínua transformação dos elementos e das subjetividades. O que emerge desse processo – aquilo que podemos nomear como essas atmosferas – são discursos marcados pela contingência e pela instabilidade.

A Boa Vista foi se constituindo por corpos e histórias que nele fincaram raízes, inscreveram símbolos e fizeram do espaço uma morada de lutas e invenções. Ela pulsa como território de memória e insurgência, marcada por atos que atravessam o cotidiano com gestos de subversão e desejo de mudança. Nas ruas e avenidas, ecoam vozes de feministas em marcha, de representantes dos movimentos sindicais, estudantis e políticos; de integrantes de coletivos que reivindicam melhores condições de vida na cidade, como o direito a moradias populares, à dignidade, ao viver com arte e afeto.

Isadora França (2013), em sua escrita sobre o centro do Recife, nos convida a reconhecer que esta região já desponta entrelaçada por trocas e disputas tramadas no calor do colonialismo. Desde o início, seu corpo urbano pulsa sob o peso de hierarquias e a vitalidade dos encontros – um lugar onde o trânsito comercial, o vaivém dos corpos e as desigualdades marcadas por raça, gênero e classe se entrelaçam, tendo a sexualidade como fio sensível e tensionado dessa tessitura. É talvez, por isso, que o escritor argentino Túlio Carella (2011), rendido à intensidade da cidade, tenha confessado que o ar do Recife é impregnado de desejo, um erotismo tão denso que chega a intoxicar.

Nessa atmosfera espessa, onde gênero e sexualidade se misturam aos vapores da cidade, emergiram espaços de refúgio, subversão e presença. Destacamos o Mustang, nascido nos anos 1960 e ainda pulsante; a Pit Housen, o Pirandello e a Boate Rouge – territórios *underground*, de encontros desviantes, lugares onde corpos se arriscaram a dançar sua liberdade, onde a expressão se fazia gesto e faísca na penumbra da noite.

O Bar Mustang, talvez por sua localização estratégica na Av. Conde da Boa Vista, esquina com antiga loja Mesbla (atualmente Riachuelo), era invadido pelo público LGBTQIA+. “Ele se prestava a uma das estratégias empregadas pelos grupos militantes, que era a de integração em todos os ambientes passíveis de visibilidade” (Silva, 2011, p. 185). Assim, inscreveu-se na história e na memória de muitas pessoas a alcunha dada ao bar: Mustangay.

Nas frestas do autoritarismo que marcava os anos da ditadura militar, três casas noturnas brilharam como lampejos de desobediência e desejo: a boate Misty – que nasceu na Rua do Riachuelo e, em 1982, se instalou na Rua das Ninfas –, a Vogue e a Stok, nos fundos do cinema São Luís. Na década de 1970, esses espaços pulsavam como os mais efervescentes e ousados da cidade. Nas Ninfas, a Misty surgiu com a promessa de oferecer uma “loucura total”, como aquelas vividas nas boates de Nova Iorque. E cumpriu. A cena era composta por um público entregue aos excessos do som, às cores vibrantes e aos espetáculos protagonizados por travestis que, com cada gesto, desafiavam a ordem normativa dos corpos e comportamentos. Para muitos, aquele lugar era um reduto de liberdade. Para outros, um território de “desajustados”. Mas, o que ali se criava era, na verdade, uma nova gramática do possível, entre brilhos, desvios e danças contra o silêncio.

O anonimato, imposto pelos tempos sombrios, envolvia esses lugares com uma aura de proibição e mistério (Bento, 2019). Como nas narrativas fundadoras de tantas religiões, era justamente o interdito que despertava fascínio. Se a Misty fosse uma maçã, teria sido mordida com volúpia por corpos vindos de muitos cantos, ofícios e modos de existir. Caravanas saíam de diversas partes do Nordeste, movidas pelo desejo de experimentar o sabor da fruta proibida. Não apenas anônimos buscavam essa experiência. A Misty foi palco de figuras marcantes da cena pernambucana – como Consuelá e Chico Science – e de celebridades nacionais – como Cissa Guimarães, Glória Maria e Miguel Falabella. Mais do que boate, ela se tornou um rito, um portal onde o desejo se tornava dança e o proibido, celebração.

No início dos anos 2000, a região assistiu ao surgimento de novas rotas e mapas delineados por espaços como a Boate Meu Kaso Bar (MKB) e pelas saunas voltadas à

socialização entre homens. Com quatro pistas dedicadas a diferentes ritmos – MPB, eletrônico, pagode e brega –, a MKB adotava o lema: “Nem melhor, nem pior, apenas um espaço diferente”. Para as pessoas com quem compartilhamos afetos e memórias foi exatamente isso que ela se tornou: uma espécie de *Feira de Caruaru* da cena LGBTQIA+, vibrante, diversa, imprevisível. Palco de encontros intensos, afetos marcantes e lembranças que ainda reverberam, a MKB se consolidou como território de sociabilidade, desejo e pertencimento.

De sexta a domingo, seus frequentadores aguardavam com ansiedade a programação, ocupando a boate com os corpos em festa. A pista de brega, em particular, era o centro da efervescência porque ali se encenavam modos de ser e existir marcados por expressões culturais e corporais de gays, travestis e lésbicas – em gestos que subvertiam normas e reinauguravam possibilidades de vida.

A MKB, no entanto, também foi alvo de atravessamentos espinhosos, especialmente por aqueles alinhados às normas de branquitude, cisgeneridade e classe social. Os discursos que desqualificavam a boate operavam como tentativas de expulsar os excessos de sentido que fugiam aos padrões hegemônicos de aceitabilidade. Nesse jogo, a MKB se consolidou como um espaço racializado, frequentado majoritariamente por pessoas negras, periféricas e de classe popular, muitas oriundas dos morros da região metropolitana. A boate não só promovia experiências de lazer e afetividade, mas também desafiava as fronteiras simbólicas do que era entendido como respeitável, possível ou legítimo dentro da cidade e da comunidade LGBTQIA+.

Em meados da década de 2010, o Club Metrópole, o Conchittas Bar, algumas organizações não-governamentais e outros estabelecimentos voltados para a garantia de direitos de LGBTQIA+ consolidaram sua presença no entorno do cruzamento da Rua das Ninfas com a Avenida Manoel Borba, disputando a transformação desse território em um importante polo de sociabilidade, articulação política e práticas culturais dissidentes na região e na cidade.

Esses estabelecimentos mantêm entre si uma proximidade tanto física quanto simbólica, ao compartilharem e mobilizarem elementos que compõem as cenas LGBTQIA+. Essa articulação espacial favorece o encontro entre pessoas com interesses

e experiências semelhantes, contribuindo para a construção de um senso coletivo de pertencimento e segurança (Silva, 2011). Durante nossas incursões pelo Vale das Ninfas, escutamos relatos que destacavam justamente esses aspectos como razões para frequentar a região, além de mencionarem a intensificação do comércio local, o que impulsiona não apenas a economia de um nicho específico, mas, como considera Silva (2011), também da cidade de forma mais ampla.

Dois momentos se destacaram durante o tempo que passamos no Vale das Ninfas. O primeiro aconteceu em outubro de 2023, quando combinamos com amigos de aproveitar a noite na Metrópole, atraídos pelas novas propostas de sonoridade e ambientação oferecidas pela boate. Antes de entrarmos, enquanto estávamos na fila que se formara na rua e nas calçadas de outros estabelecimentos vizinhos, já comentamos sobre a grande quantidade de pessoas por ali.

Os minutos que antecederam nossa entrada na festa, enquanto estávamos na Av. Manoel Borba, podem ser imaginados como uma coreografia descompassada e espontânea de corpos, gestos e desejos que atravessam a noite. A avenida, iluminada pelas luzes dos postes e dos bares, pulsava ao ritmo das conversas, dos risos e dos encontros que se multiplicavam. Entre a fumaça dos cigarros, o brilho das indumentárias e o som de carros, o Vale das Ninfas foi composto, segundo após segundo, por sujeitos que narram uma cidade e, em especial, um espaço que outrora não concebia as expressões opostas às normas sociais de gênero.

Ocupar, transitar e observar as composições e recomposições da avenida naquela noite foi tão impactante quanto a primeira vez que lá estivemos. As ruas estavam vivas, animadas pela movimentação daqueles que transformam o espaço urbano em algo mais do que concreto e trânsito. Vieram à mente as conversas sobre a emergência das Ninfas como um dos principais polos dissidentes do nordeste brasileiro, a forma como os primeiros encontros foram marcados pelo encantamento e pela potência da rua como lugar de subversão. Naqueles momentos, assistimos e participamos de “ações coletivas [que] agregam o próprio espaço, congregam a calçada, organizam e animam a arquitetura” (Butler, 2018, p. 52), inscrevendo nossos corpos na cidade e reivindicando o direito de existirmos nela.

Alguns meses depois, num dos finais de semana de prévia do carnaval de 2024, outros amigos estiveram aqui e passamos uma noite de uma sexta-feira na Av. Manoel Borba, em frente ao Paju Bar e no Conchittas. Viver aquela noite em grupo se destacou das demais porque, com a aliança de nossas mãos, braços e bocas, nos espalhamos com mais segurança. “Fique doida, bicha!” – gritávamos umas para as outras como forma de dizer “Seja feliz; faça o que estiver com vontade sem se importar com o quê as demais pessoas podem pensar”. Essa cena, talvez, possa dar cor, cheiro e som às palavras de Butler (2018, p. 52): “os corpos congregam, eles se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público”. Enquanto nos divertíamos, também reivindicávamos o Vale das Ninfas como um espaço público, possível para nós e para outras pessoas.

Nós, como que encarnando as figuras mitológicas das ninfas, nos lançamos em alianças que se fazem vetor de vida, movimento e intensidade. De múltiplas formas, fomos atravessados por uma energia inquieta que insiste em pulsar, em continuar existindo. Inspirado nas reflexões de Didi-Huberman (2016), talvez possamos dizer que carregamos uma força temporal que entrelaça passado e presente, memória e desejo em colisão constante. Ao olhar para as ninfas nas poéticas da rua, fomos convidados a perceber – com cada parte dos nossos corpos sensíveis aos sentidos – os gestos e afetos que se enraízam na exposição recíproca entre corpos vulneráveis que compõem alianças – nem sempre intencionais e previstas – que sustentam o dissenso e afirmam uma força ética, relacional e encarnada de viver.

A política da aliança, tal como Butler (2018) propõe, é uma política de quem caminha junto sem precisar coincidir. No Vale, as alianças se formam entre corpos de travestis, bichas, pessoas negras, migrantes, artistas, trabalhadores que se reconhecem na precariedade comum e na partilha do risco. Tais alianças não se baseiam em identidades fixas, mas em compromissos encarnados com a vida vivida nas bordas da violência simbólica e institucional.

Essa política se entrelaça à noção de desorientação proposta por Ahmed (2006), que compreende a experiência *queer* como um desvio das linhas normativas que organizam o espaço, o tempo e os afetos. Estar desorientado, nesse contexto, é também

criar rotas e mapas. As alianças no Vale são alianças desorientadas, pois elas ficcionalizam novas espacialidades, novas coreografias e novas formas de tocar e ser tocado pelo mundo.

É preciso reconhecer, no entanto, que mesmo dentro dos agrupamentos formados por afinidades e desejos comuns coexistem forças de distanciamento. A cena urbana dissidente é atravessada por disputas silenciosas (por vezes ruidosas), como a concorrência entre bares e boates. Também é possível notar, entre os próprios sujeitos, a formação de pequenos feudos simbólicos, grupos que operam apagamentos e tentam interditar a presença de outros. Ou seja, o ajuntamento não produz apenas encontros, também gera ruídos – no volume literal da música que reverbera nas calçadas e paredes, e no campo simbólico, onde vozes se ampliam ou se comprimem sob o peso das normatividades que insistem em se refazer, mesmo entre os diferentes.

Num desses fins de semana comuns, alguns amigos combinaram de ir às Ninfas. Ao chegarmos, o som ao vivo de um brega e a movimentação vibrante no Conchittas nos seduziram. Sem hesitação, decidimos entrar. E antes que qualquer coisa acontecesse, fomos tomados por uma onda de calor espesso, quase vivo, como se o próprio ar dançasse – junto às luzes, aos corpos, aos desejos em suspensão. O ritual se inicia: procuramos um espaço onde todos coubessem sem tanto empurra-empurra; lançamos o olhar em busca de rostos familiares ou de possíveis sorrisos acolhedores; e, aos poucos, o grupo começou a se dispersar – rumo ao bar, ao banheiro, às brechas da noite.

Marcos, bicha preta de corpo musculoso, volta para perto da mesa com um riso mal contido, daqueles que já denunciam alguma travessura. Em menos de dez minutos ali, antes mesmo da segunda rodada de cerveja, já tinha flechado alguém. Mas, o que realmente provocou burburinho foi o detalhe: ele beijava outro homem tão afeminado quanto ele. Dois corpos afeminados trocando carícias no centro da pista desafiando não apenas os olhares curiosos que pairavam ao redor, mas também as estruturas da própria dissidência.

Seus corpos entregues escancaravam o que muitos preferem manter oculto: que mesmo entre os desviantes, persiste a vigilância – que mesmo onde a liberdade é celebrada, o desejo ainda é regulado. A cena, intensa em sua simplicidade, quebrava as

expectativas do olhar normativo de fora e desobedecia às regras não-ditas que habitam os de dentro. Como nos alerta Butler (2018), a polícia de gênero nunca descansa, nem mesmo nas brechas da liberdade. No entanto, como propõe Halberstam (2000), esses corpos – que ousam desejar sem pedir licença – encarnam uma estética do fracasso. Um fracasso fértil, que não é derrota, mas fuga, já que é escapatória da lógica do acerto, da repetição de roteiros previsíveis, da domesticação. Na dança dos beijos de Marcos com a outra bicha, havia um ensinamento sutil, mas poderoso: que é possível desaprender os desejos moldados e fabular outros modos de existir.

Ao dançar na rua, ao ocupar espaços negados, ao inventar outras formas de presença, os corpos do Vale desafiam a lógica da repetição e performam uma ética da interdependência. Cada gesto é uma desobediência sensível, tecnologia do afeto (Ahmed, 2006) que redireciona os corpos para onde ainda não se tinha olhado.

Reflexões (in)conclusivas

O Vale das Ninfas é um currículo urbano, um currículo arruaceiro tecido nas encruzilhadas entre afetos, corpos e práticas de sociabilidade *queer*. Sua constituição se dá como prática discursiva que emerge da própria experiência vivida nas ruas da Boa Vista – ou Boa Bicha, como carinhosamente chamamos. A cidade – em sua materialidade e discursividade – é um espaço-tempo produtor de subjetividades, memórias e saberes. O Vale das Ninfas, como fragmento urbano densamente habitado por corpos LGBTQIA+, torna-se zona de disputa simbólica, onde o currículo se faz nas ruas, nos bares, nas pistas de dança, nos encontros noturnos. Um currículo insubmisso, que valoriza a não domesticabilidade dos saberes que por lá circulam, que desestabiliza as categorias formais da educação e os enquadramentos normativos. Que se constitui por meio de expressões estéticas, práticas sexuais, alianças políticas, performances de gênero e ocupações do espaço público – sempre em trânsito, em risco e em transformação.

Sinaliza a potência de gerar desordem criadora, de tensionar a ordem hegemônica e propor outras formas de aprender, ensinar e viver. Os processos de subjetivação no Vale são marcados por uma precariedade radical e por práticas discursivas – flertes, risos, artes,

música, deboche, beijos públicos, danças coletivas, figurinos extravagantes, improvisos, gestos de cuidado e acolhimento – que ensinam sobre outras formas de estar no mundo e de constituir-se como sujeito. Corpos que não deveriam existir ali – segundo a lógica do controle urbano, da moral sexual, do racismo estrutural – desafiam sua invisibilização ao performar presença.

Seria coincidência a região ter assumido no imaginário popular a denominação de Vale das Ninfas? Consideradas divindades menores, sem poder institucional, as ninfas estão tradicionalmente associadas à beleza, sensualidade, sexualidade e à ideia de metamorfose (Rahme, 2019; Didi-Huberman, 2016). Seu poder de fascinação irradia perigos. Se deparar com uma ninfa pode causar um transe temporário ou permanente. Para Agamben (2010), as ninfas, recorrentemente representadas em diferentes obras de arte ao longo da história, são seres nos quais não se diferenciam origem e repetição, forma pura e materialidade. Figuras do excesso e da intensidade, que nos colocam diante da descontinuidade e da interrupção. Elas operam como dispositivos de inquietação do olhar e da linguagem, deslocando os sentidos e convocando a experiência a partir do que foge à racionalização e à normatividade.

Enquanto currículo arruaceiro, o vale escapa à captura conceitual porque é feito de deslocamentos, errâncias e lampejos. Ele ficciona mundos possíveis num jogo perigoso com a verdade (Foucault, 1996). A conversa no/com o Vale nos convida a pensar a pesquisa como oposição à busca de origens, à tentativa de esquadrihar sentidos e explicações para os acontecimentos. Abre caminhos para focar nos acidentes e descontinuidades, para criação de espaços de interrupção nos quais as certezas epistêmicas e morais são desestabilizadas.

Dar fim à pesquisa como conhecemos é insistir em errâncias que fabulam. É recusar os dispositivos epistêmicos que exigem controle, representação, síntese e fechamento. Neste artigo, preferimos caminhar com as incertezas e atravessar as bordas da cidade, dos corpos, dos afetos. O Vale das Ninfas, enquanto território performático e ético, nos ensinou a habitar o inacabado como forma de presença e o fracasso como política.

A escrita que realizamos não busca amarrar significados. Ao invés de conclusão, afirmamos este texto como ensaio relacional. Como nos lembra Foucault (2017, p. 260), trata-se de compor uma atitude crítica; um exercício de liberdade que “faz ver o que não é mais ou o que ainda não é”. Nesse sentido, o exercício da imaginação aparece como política, como prática de fabricação de novas formas de existir e de ensaios de liberdade. Como modo de abrir o campo do possível e criar outras formas de viver, saber e ser.

A lógica da imaginação aparece como dispositivo ontológico: é por meio dela que os corpos ganham sentido, que o mundo é organizado, que os sujeitos emergem. É uma estratégia epistemológica insurgente (Haraway, 2016) capaz de sustentar a produção de saberes situados, corporificados e plurais. Uma forma de contar histórias que não apenas descrevem o mundo, mas o criam eticamente, possibilitando pensar o impensável, o ainda-não-dito, desafiando o determinismo, a objetividade impessoal e os binarismos fundacionais.

Assim como as ninfas – mitológicas e modernas – o Vale das Ninfas continua a vibrar nas narrativas que escapam à ordem, nos gestos que desobedecem à norma, nos afetos que insistem em existir. Seus modos de ensinar e construir saberes não estão nos manuais, mas nas festas, nos encontros, nos silêncios, nos brilhos, nos beijos e nas fugas. Como as próprias ninfas, os saberes do Vale cintilam, desaparecem e reaparecem em outras alianças. As Ninfas nos convidam a escrever com o corpo, com a alma, com a rua. A sustentar a pergunta por outras formas de vida, por outras políticas da presença. A escutar o que a cidade murmura em seus desvios e deixar que esses murmúrios também nos escrevam.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Ninfas**. Valencia: Pre-Textos, 2010.
- AHMED, Sara. **Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others**. Durham and London: Duke University Press, 2006.
- BENTO, Emannuel. Diversidade e vida noturna pulsante marcam bairro da Boa Vista. **Diário de Pernambuco**, 26 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/06/diversidade-e-vida-noturna-pulsante-no-coracao-da-cidade.html>. Acesso em: 28 out. 2023.
- BURITY, Joanildo Albuquerque. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, D; PEIXOTO, L. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2008.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero**. São Paulo: UNESP, 2022.
- CARELLA, Túlio. **Orgia: os diários de Túlio Carella – Recife, 1960**. 1. ed. São Paulo: Opera Prima, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ninfa Moderna**. Lisboa: Kkym, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade e Política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 258-280.
- FRANÇA, Isadora Lins. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamento e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 13–39, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/49sbVgQmVbx6tvJkNWFp3bt/?lang=pt#>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2000.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas de currículo em um enfoque discursivo: notas de pesquisa. In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza; OLIVEIRA, Gustavo Gilson. **A teoria do discurso na pesquisa em educação**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação (Impresso)**, São Paulo, v. 11, n.32, p. 285–296, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wbctGFsGKm3tJ8bvhFKKfnd/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet L. Por Um Currículo ‘Outro’: autonomia e relacionalidade. **CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS**, v. 22, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol22articles/3macedo-miller.pdf>. Acesso em 7 jan. 2025.

MACEDO, Elizabeth; SILVA, Paulo de Tarso. Pesquisa pós-qualitativa e responsabilidade ética: notas de uma etnografia fantasmática. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 40-59, out./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8902>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MASSAPÊ, Coletivo. **Guia (co)Memorativo da Boa Vista: a história, as memórias e os sentidos de parte do coração da cidade do Recife**. Recife: CEPE Gráfica, 2021.

OLIVEIRA, Iris Verena. Giras de escrevivências: Miragens metodológicas para pesquisa no campo do currículo. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 14, n. Especial, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/61164>. Acesso em: 11 nov. 2023.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna Luiza; MESQUITA, Rui. Gomes. A Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe e a Pesquisa em Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1327–1349, out. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/tt3RpF8zjvRZDNwtcQS4Snk/#>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERLONGHER, Néstor. Territórios Marginais. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2005 [1992], pp. 263-290.

PINAR, William. **O que é a teoria do currículo?** Porto: Porto Editora, 2007.

PIRES, Anderson Moraes. **O mundo começa no Recife:** (des)construções curriculares e processos de subjetivação no Vale das Ninfas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2025.

RAHME, Anna Maria. **O olhar de Giorgio Agamben sobre as Ninfas.** São Paulo. Brasil. Revista ARA. n. 7, v. 7, p. 97-109, 2019.

RANNIERY, Thiago. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Maza Edições, 2012.

RANNIERY, Thiago. No meio do mundo, aquenda a metodologia, mona: notas para queerizar a pesquisa em currículo. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 332–356, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.11i2.0002. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/7006>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SILVA, Paulo de Tássio Borges. **Paisagens e fluxos curriculares Pataxó:** processos de hibridização e biopolítica. Rio de Janeiro: UERJ, 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Sandro José da. **Quando ser gay era uma novidade:** aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. Recife: UFRPE, 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2018.

Drifts, Errancies, and Creative Disruptions in the Vale das Ninfas

This article examines memories, discursive practices, and processes of subjectivation that unfold in the Vale das Ninfas, an LGBTQIA+ territory located in the central area of Recife, Brazil. Understood as a disruptive curriculum – relational, unstable, and performative – the Vale emerges through streets, parties, nightclubs, and gatherings, amid symbolic disputes in which knowledge materializes through affect and subversive gestures. Drawing on post-structuralist theories, the study proposes an investigative approach grounded in embodied experience, attentive to collective fabulations, zones of unintelligibility, and the emergence of undomesticated epistemologies. Imagination is mobilized as an ontological and political strategy, while failure is embraced as a queer aesthetic and ethic. The text argues for research as a situated and implicated practice, committed to the invention of alternative modes of existence and to the destabilization of normative dispositifs of control and regulation of knowledge.

Keywords: Curriculum. Subjectivity. Gender. Sexuality. Research.

Recebido: 31/05/2025

Aceito: 26/05/2026